

# A moeda luso-árabe (uma ceca polifacetada e multipolar nas taifas almorávidas, 539-552/1144-1157) (I)

Adel Sidarus <sup>1</sup>

*Universidad de Évora, Profesor Jubilado*

**Resumo:** Até meados do século passado, conheciam-se algumas moedas cunhadas por governantes ou príncipes luso-islâmicos de meados do século VI/XII, conservados fora de Portugal. É só com as achegas arqueológicas em solo nacional é que o interesse para essa actividade numária atraiu os investigadores locais, sejam eles numismatas ou arabistas.

Esses estudos e análises acabaram por nos fornecer um quadro mais completo e preciso da situação, a saber: a emissão de moedas islâmicas autóctones, no extremo Sudoeste andaluz (*Gharb al-Andalus al-aqṣā*) tornado “português”, teve de facto lugar exclusiva e curiosamente durante o escasso tempo de pouco menos de quinze anos (539-552/1144-1157), em pleno período das “segundas taifas” ou “taifas almorávidas”.

Além de várias *cecas* “palatinas” e móveis, que passaram por Mértola, Silves, Beja e Évora, a produção foi bastante diversificada quanto aos valores do metal, predominantemente prata (e nada em cobre!). O mais interessante é que as legendas respectivas reflectem eloquentemente as peripécias histórico-políticas pelas quais passara essa parte da antiga *Hispania* na conturbada época islâmica ou árabo-berbere em apreço. O que confere ao espólio existente uma redobrada mais-valia. Dividido em 2 Partes, entorno das duas figuras principais que emitiram moedas ou que outras referem: Ibn Qasī de Silves e Mértola, e Ibn Wazīr de Évora – e ligando a numismática à contextualização histórica apropriada –, o presente ensaio pretende oferecer um apanhado crítico e global, integrando, corrigindo ou completando o que se publicou em meio século de investigação numismática.

**Palavras-chave:** Ceca, Quirates, al-Andalus, Portugal, Almorávidas, Almóadas, Segundas Taifas, Sufismo, Ibn Qasī de Mértola e Silves, Ibn Wazīr de Évora, D. Afonso Henriques

**Abstract:** Until the middle of the last century, some coins issued by Sixth/Twelfth-Century Luso-Islamic governors or princes were only known in collections outside of Portugal. It has been only through recent archeological discoveries in Portugal that interest in this numismatic activity has increased, attracting the attention of local researchers, both numismatists and Arabists.

These studies and analyses have given us a more complete and precise picture of the context of these issues, which can be described as local issues of Islamic coins in the extreme Southwest of the Iberian Peninsula (*Gharb al-Andalus al-Aqsā*), which is now Portugal. They occurred exclusively and, curiously enough, only during a short period of less than fifteen years (539-552 A.H. / 1144-1157 A.D.), the period known as ‘Second Taifas’ or ‘Almoravid Taifas’.

Apart from various mobile ‘palatine’ mints that rotated between Mértola, Silves, Beja and Evora, the production was also quite diverse in terms of metal weight, which were mainly in silver (no copper!). The most interesting aspect of these coins is that their inscriptions eloquently reflect the historic political facts that occurred in this part of the old *Hispania* during that troubled Arabic/Berber Islamic period. This reinforces the value and interest of this archeologic legacy.

<sup>1</sup> O autor escreve com a ortografia anterior ao Acordo ortográfico de 1999

Divided into 2 Parts focusing the two main figures who issued the coins or were associated by others in their own issues: Ibn Qasī of Mértola and Silves, and Ibn Wazīr of Évora, this essay is duly integrated in the appropriate numismatic and historic contexts. It aims to offer a global and critical overview in which former studies are incorporated, corrected or completed.

**Keywords:** Mint, Quirats, al-Andalus, Portugal, Almoravids, Almohads, Second Taifas, Sufism, Ibn Qasī of Mértola and Silves, Ibn Wazīr of Évora, King Afonso Henriques

No dia 28 de Outubro de 1956, Eduardo Cunha Serrão (1906-1991) descobria não muito longe do Cabo de Espichel (Sesimbra), numa gruta conhecida por Lapa do Fumo e que servira de necrópole em tempos pré-históricos, um verdadeiro “tesouro mouro” de quase oito dezenas de *quirates* (Serrão 1968),<sup>2</sup> hoje conservados no Museu Municipal de Sesimbra.

O espólio não parece ter sido ali devidamente inventariado, pois nunca recebemos resposta ao pedido de indicação dos números de inventário de alguns espécimes discutidos nestas páginas. Sabemos contudo que três ou quatro elementos ligados à instituição chegaram a abrir e ler o nosso *email* sobre o assunto. Receamos que parte do espólio tenha sido alienada, considerando os dados divulgados no catálogo comercial (sem indicação de fontes ou colecções) de Gomes 2016 (com as eds. anteriores).

A secção respectiva deste catálogo (p. 68-92) distribui os numismas em dois grandes itens correspondendo aos dois principais governantes que se destacam: Ibn Qasī e Ibn Wazīr (*v. infra*), pelo que identificaremos estes por **Gomes IQ** ou **IW** segundo o caso, seguido da numeração interna de cada capítulo, ignorando eventuais subdivisões internas.<sup>3</sup>

Na verdade, não sabemos em que medida os espécimes assinalados neste catálogo comercial devem ser contabilizados no cômputo total dos exemplares realmente existentes, pois que o impacto das propostas de identificação avançadas por Marinho (*v. infra*) é tão evidente que é legítimo perguntar-se se não se trata de espécimes da sua própria colecção, ou até de um ou outro extraviado ou saído dos espólios da Lapa de Fumo ou da Sé de Lisboa (*v. infra*).<sup>4</sup>

O exame do espólio, de que dera conta, pouco depois da descoberta, o arabista Joaquim Figanier (1898-1962) e, mais tarde, o numismata lisboeta José Rodrigues Marinho, revelava inequivocamente a existência de mais de uma *ceca* árabo-islâmica em território hoje português.<sup>5</sup>

A análise de Figanier (1958) tinha sido apresentada à Assoc. Port. de História, na sessão de 21 de Junho de 1957. O trabalho mais apurado de Marinho (1968a) saiu dez anos mais tarde.<sup>6</sup> Para agilizar as referências, e considerando que os dois autores adoptam o mesmo número sequencial para identificar os vários tipos de moedas do espólio, referiremos ambos os inventários pela simples menção de **Figanier/Marinho**, seguindo o número de identificação pertinente. O trabalho de Marinho, ao mesmo tempo que comporta correcções e precisões importantes, peca por algumas tentativas de interpretação histórica ou de seriação cronológica, assim como pela leviana atribuição nominal de alguns numismas anónimos.<sup>7</sup>

<sup>2</sup> Lembre-se, para os leitores portugueses, que se trata de um neologismo técnico emprestado ao arabismo equivalente espanhol, cujo étimo árabe é *qīrāt* (< gr. *kerátion*). Trata-se de uma pequena moeda de prata, introduzida no Andaluz pelos Almorávidas (primeira dinastia berbere hegemónica em todo o Ocidente islâmico). Num campo semântico diferente, o mesmo étimo deu em português (e espanhol) *quilate* e seus derivados.

<sup>3</sup> Com vista a harmonizar as siglas em todo o presente artigo, mantemos aqui as siglas adoptadas IQ/IW, se bem que o Catálogo tenha: AQ e SW (Ahmad b. Qasī e Sidrāy b. Wazīr).

<sup>4</sup> Há casos onde o espécime descrito não indica um preço, sendo isso substituído pela observação: *única*. Não chegámos a contabilizar sistematicamente esses exemplares em cada um dos cômputos totais que lhe dizem respeito.

<sup>5</sup> Adoptamos como neologismo português o termo técnico espanhol *ceca*, que vem do árabe: (*dār*) *as-sikka*, “(casa da) cunhagem/moeda”. Na expressão “ceca e meca”, a palavra tem o significado de “caminho, via *traçada*”, em alusão aos vários caminhos da peregrinação anual para a Meca sagrada.

<sup>6</sup> Marinho 1968a. Ver ainda Marinho 1969 e algumas reflexões sobre o achado como tal, na pub. de 1984, p. 299-300 + *passim*. Uma apresentação global para o grande público: A. Sidarus, A moeda luso-árabe em Sesimbra, *Patrimonia* 7, Lisboa, 2001, p. 15-20 (nº monográfico *Conhecer Sesimbra*).

<sup>7</sup> O seu envolvimento pessoal nos circuitos comerciais parecem ter ferido, às vezes, a validade das suas exposições aqui e noutras publicações.

Algumas décadas mais tarde, em 1991-1992, os trabalhos arqueológicos nos claustros da Sé de Lisboa (sítio onde se erguia a antiga mesquita-mor e sua esplanada...), permitiram recolher, ao lado de vários tipos de quirates bastante comuns, na maioria almorávidas, uma dezena de moedas e fragmentos do tipo acima referido ou similares. Que saibamos, ainda não foram devidamente divulgados, fora da exposição de alguns dos espécimes no Museu do Aljube no Castelo de S. Jorge.<sup>8</sup>

Em boa verdade, já se conheciam algumas moedas cunhadas por governantes ou príncipes luso-islâmicos de meados do século VI/XII,<sup>9</sup> mas nunca se podia imaginar a amplitude e originalidade dessa actividade monetária “lusa”. Ulteriores estudos e análises do espólio da Lapa de Fumo, apoiados ou completados por novas achegas e investigações analíticas circunstanciadas, acabaram por nos fornecer um quadro mais completo e preciso da situação, a saber: a emissão de moedas islâmicas autóctones, no extremo Sudoeste andaluz (*Gharb al-Andalus al-aqṣā*) tornado “português”, teve lugar exclusivamente durante o escasso tempo de pouco menos de quinze anos (539-552 / 1144-1157). Além de várias casas da moeda (*cecas*) “palatinas” e móveis, que passaram por Mértola, Silves, Beja ou Évora, a produção foi bastante diversificada quanto aos valores do metal, predominantemente de prata e sem nada de cobre!

As legendas respectivas reflectem eloquentemente as peripécias histórico-políticas pelas quais passara essa parte da Península ibérica na conturbada época islâmica ou árabo-berbere em apreço. O que confere ao espólio existente um redobrado interesse.<sup>10</sup> Os anos em causa correspondem à fase de autonomia transitória entre o domínio das sucessivas dinastias berberes: a almorávida e a almóada, fase apelidada de “segundas taifas” ou “taifas almorávidas”.<sup>11</sup> As principais figuras que protagonizaram as respectivas emissões numismáticas foram o *mahdi*-místico silvense Aḥmad Ibn Qasī e o patrício eborense Sidrāy Ibn Wazīr.

No Museu de Sesimbra (salvaguardando o que se disse atrás), temos um numisma bastante original referindo o primeiro e quase todo o resto referente ao segundo, com tipos e valores variados, sendo um deles representado por 45 a 47 exemplares! Mas outros museus nacionais ou estrangeiros, incluindo novos achados arqueológicos depositados ali, assim como colecções particulares, possuem muito mais, como veremos de seguida.<sup>12</sup>

<sup>8</sup> Alguns elementos em Marinho 1992 + 1998, p. 181. O título desta última contribuição, “A Moeda no Gharb al-Andalus”, é enganador, pois o autor trata na realidade da numária da globalidade do espaço andaluz, focando o espaço e a época que interessam apenas lá para o fim, p. 181-82. Ademais, o autor ignora cabalmente os estudos mais recentes dos colegas compatriotas! Na própria publicação, saltaram as estampas nº 247-248, com os mais de cem espécimes (!) listados em p. 186-87.

<sup>9</sup> Vives 1893, p. 317-19 (nº 1909-1917, *passim*). Citaremos a obra apenas por Vives, seguindo-se o número do numisma pertinente (!). O mesmo para o inventário sistemático de Hazard 1952, onde estão retomados os dados respectivos de Vives.

<sup>10</sup> Sobre este período conturbado, ver: Khawli 2001 e Sidarus 1997a. Primeiro esboço algo resumido deste último trabalho, em Idem 1992. Notar a sinopse cronológica no final do artigo principal, p. 262-63; primeira tentativa em Antunes – Sidarus 1992, p. [49]. V. tb. numa perspectiva histórica mais ampla: Lourinho 2010 (a obra inclui os avanços cristãos nortenhos em terras islâmicas do Sul, mas com lacunas bibliográficas e interpretativas significativas, as quais relativizam bastante o intento expresso no respectivo título). Além do mais, apraz-nos citar a tese de doutoramento do nosso jovem compatriota al-Nashshār (1995) sobre D. Afonso Henriques.

<sup>11</sup> É precisamente no âmbito da respectiva 6.<sup>a</sup> *sección* de Vives 1893 (p. 316 ss.), que estão descritas as moedas que nos interessam. Ver a apresentação global da vertente numária do respectivo período na introdução do autor, p. LXXVII-LXXX.

<sup>12</sup> Além do supra citado inventário para fins comerciais de Gomes 2016 (nem sempre acertado!), ver os respectivos itens do catálogo *online* da riquíssima colecção de numismas dita de Toneyawa: [Colección Toneyawa - «tiempos de al-Andalus»](http://www.andalustoneyawa.50g.com), in < [www.andalustoneyawa.50g.com](http://www.andalustoneyawa.50g.com) > (último acesso em 17-01-20). A localização e a data de constituição não vêm indicadas. Como este catálogo não indica números sequenciais, distribuindo o material avulso por itens referentes a períodos ou dinastias e a governantes emissores, identificaremos cada tipo de moeda por Toneyawa, seguido pelo número de sequência efectiva na respectiva coluna tabelar, no que toca a IQ/IW, como se procedeu anteriormente.

## 1. Ibn Qasī de Silves



Ibn Qasī Cavaleiro (estátua de finais do séc. XX às portas do Castelo de Mértola)

Até há pouco, a historiografia moderna de grande folego e alcance sobre al-Andalus ou o seu “Extremo Oeste”, não tem caracterizado correcta ou suficientemente aquelas duas personagens-chave da época em apreço no que diz respeito a *al-Gharb al-aqṣā*.<sup>13</sup> Cabe, por isso, apresentar aqui sumariamente a figura de Ibn Qasī a partir da mais recente investigação,<sup>14</sup> antes de falar das moedas que lhe dizem respeito – ficando Ibn Wazīr para a Parte II do nosso ensaio.

Abū al-Qāsim Aḥmad ibn al-Ḥusayn Ibn Qasī (**IQ**), natural de Silves, foi o maior místico (*ṣūfī*) luso-muçulmano e o mais original do Andaluz por se ter feito proclamar *mahdī* (“messias”).<sup>15</sup> Isso aconteceu em Mértola, no mês de Rabī’ I de 539 (Ago./Set. 1144), pouco tempo depois da sua conquista pelos seus discípulos sob o comando de Ibn al-Qābila. Foi em sinal de revolta contra o domínio berbero-almorávida, ficando assim despoletada a contestação generalizada contra eles em todo o Andaluz (!) e inaugurado o período das respectivas *Taifas*.

Ibn Qasī era manifestamente descendente longínquo da nobre família hispano-goda ou hispano-romana dos Banū Qasī (< Cassius), a qual chegou a governar as zonas fronteiriças setentrionais do território andaluz até ao tempo de Abderramão III, nos princípios do século IV/X, tendo passado à lenda as suas peripécias (Viguera 2014). Após uma carreira de funcionário na fazenda (*bayt al-māl*) local em Silves, na qualidade de “almoxarife” (*mushrif*), o nosso protagonista luso-muçulmano ingressou na vida mística, tornando-se o chefe espiritual – e político (!) – de um grupo de “muridinos” (*murīdūn*, ‘aspirantes, noviços, discípulos’). Chegou a reuni-los, já por volta de 520/1126, num *ribāt* na localidade de *J.L.H/T* (*Ji/ulla<sup>h</sup>/Juli[y]a<sup>h</sup>?*) ou de *Hiṣn Arkush* (Castelo/Fortaleza de Arcos, segundo Ibn Khaldūn), localidades hoje dificilmente identificáveis.<sup>16</sup> E para eles, escreveu o célebre manual ou tratado místico (e político!) *Khal’ al-na’layn* (“O descalçar das sandálias”).<sup>17</sup>

<sup>13</sup> Ver a título de exemplo: Viguera 1991 + 1997; Torres & Macias 1998; Picard 2000, p. 91-104.

<sup>14</sup> Ao lado dos estudos mais globais sobre a época conturbada em causa, sobre as moedas por ele emitidas ou o tratado místico que escrevera, todos referidos a seguir, assinale-se sobre a personagem como tal e a sua obra: Goodrich 1978; Elliot 1979; Dreher 1985; Borges 1991; Sidarus 1997a; Alves 2001 + 2007 + 2009.

<sup>15</sup> Sobre o “mahdismo” em geral e o seu desenvolvimento no Ocidente islâmico, ver Fierro 1999. Khawli (2001, p. 31b, n. 8) equivocou-se ao pretender que esta autora opunha em termos teológicos os mahdismos de Ibn Qasī e de Ibn Tūmart. Ela apontava apenas, na sua introdução ao tema (p. 108), para o contraste entre o *Mahdī* ou “Messias” escatológico universal, com *M* grande, e o *mahdī* reformista surgindo num determinado tempo e espaço, com *m* pequeno.

<sup>16</sup> Obviamente, não se pode identificar essa última localização com nenhuma das localidades conhecidas em Portugal ou na Espanha. Referências em Sidarus 1997a, p. 257, n. 32. Sobre os “ribates” em general, ver entre outros: Epalza 1998; Franco Sánchez 2004 + 2012. Lembremos que as “serras” de *Arrábida* ou de Sintra, em Portugal, abrigam vários edifícios desses. V. tb. aqui nota 40.

<sup>17</sup> Título inspirado por *Qur.* XX, 9-13 (cfr. *Exodo* III, 5). Ed. da obra por Muḥammad al-‘Amrānī (Safim, 1997). Estudo e trad. de alguns trechos em Goodrich 1978; Elliot 1979; Dreher 1985. A trad. port. parcelar e aproximada preparada pelo saudoso José Domingos Garcia Domingues (1910-1989), ficou hoje praticamente integrada em Alves 2001 + 2009.

Na senda da vitória de Mértola,<sup>18</sup> consegue a aliança-vassalagem de vários líderes autóctones da região do *Gharb al-Andalus* em toda a sua extensão original (as duas margens do rio Guadiana/*Odiana*...), com especial destaque para Yūsuf ibn Aḥmad al-Biṭrūjī de Niebla, Ibn al-Mundhir de Silves, Ibn al-Ḥajjām de Badajoz e Ibn Wazīr de Évora. No entanto, na sequência de tentativas falhadas da expansão do seu movimento em direcção a Sevilha e Córdova (!),<sup>19</sup> surge a discórdia entre ele e o patrício eborense, o qual acaba por destroná-lo cerca de um ano e meio mais tarde: Sha'bān de 540 (Jan./Fev. 1146).

Ibn Qasī vai então procurar, pelo outro lado do Estreito, o auxílio dos Almóadas, inspirados que eram por um outro *mahdi*, desta vez berbere, cujo legado se impunha progressivamente naquela região. Regressa à Península, no verão de 541/1146, com um exército magrebino que pronto lhe recupera Mértola e Silves e assegura a submissão do rival Ibn Wazīr, que se mantém contudo à frente de Beja e Évora.

Porém, aquela aliança táctica com os adeptos do Mahdi Ibn Tūmart não parece ter sido sincera. O sufi de Silves não se incomodou de modo algum quando eles são expulsos de Sevilha, na primavera do ano seguinte, e que soprou de novo o vento da independência a favor dos caudilhos andaluzes. Parece até que teria entregado o próprio castelo de Mértola a uns resistentes almorávidas sob a liderança do general lamtuniano Tāshufīn! E quando os novos senhores do Norte de África, uma vez consolidado ali o seu poder, reclamam entre finais de 545 e princípios de 546 (Abr./Maio 1151) a submissão inequívoca dos correligionários da margem setentrional do mar, Ibn Qāsī resiste em Silves e vai até firmar uma aliança com D. Afonso Henriques, o novel rei “português”. Esta aliança afinal acaba por lhe custar a vida: é pois assassinado pelos seus próprios seguidores em Jumāda I de 546 (Ago./Set. 1151), cerca de sete anos após a célebre entronização “mahdista” de Mértola.

## 2. Os quirates do Mahdi de Mértola

Uma vez proclamado *mahdī* em Mértola no fim do verão de 539/1144, Ibn Qasī (IQ) tinha que emitir moeda própria para manifestar a ruptura radical com o regime “iníquo” do qual pretendia libertar a comunidade islâmica, restabelecendo o “Reino da Justiça”. Não o tinha escarnecido, segundo rezam as crónicas, um dos homens do povo por ele distribuir “dinares almorávidas”, por ocasião dos festejos celebrando a vitória mertolense?

Kassis (1997, p. 316) pretende que aqueles dinares foram cunhados pelo próprio IQ copiando o dito modelo. Na verdade, ele interpretou mal a informação de Ibn al-Khaṭīb, o qual diz explicitamente que “não eram do seu fabrico”.<sup>20</sup> De resto, não devemos tomar à letra a palavra “dinares” no contexto em causa, pois que isso representaria uma riqueza excepcional, que duvidamos poder corresponder às posses efectivas do nosso Mahdi e da região.

A esse respeito, Marinho contestou por duas vezes a veracidade da informação veiculada na obra de referência de Domingues (1945, p. 215), segundo a qual existiria no Porto e em Nova Iorque mais uma “moeda de ouro de forma quadrangular” (!) com o nome de IQ, com legendas similares às que encontramos nos seus quirates. As pesquisas feitas junto das potenciais colecções das cidades invocadas resultaram pela negativa.<sup>21</sup>

Foi assim que se emitiu na praça-forte do Baixo Guadiana as primeiras moedas anti-almorávidas de todo o Andaluz e matriz de muitas a seguir (!). Não foi uma moeda de ouro, mas sim uma pequena de prata, ou seja um *quirate*. Sem data alguma, figuram o nome e os atributos do Mahdi

<sup>18</sup> Sobre a cidade naquela época, fez-se uma exposição em Marrocos: Torres 1988.

<sup>19</sup> Sobre o significado dessas tentativas de expansão ao nível de todo o Andaluz, ver os nossos apontamentos em Sidarus 1997a.

<sup>20</sup> Ibn al-Khaṭīb, *A'māl*, p. 249. V. tb. Ibn al-Abbār, *Hulla*, p. 197.

<sup>21</sup> Ver: Marinho 1968, p. 19-20, n. 17 *ad* nº 7; Idem 1985, p. 182, n. 2. Iremos evocar na Parte II, entre as moedas anónimas, um dinar emitido efectivamente em Silves ou Ceuta e indevidamente atribuído a IQ.

vencedor e libertador, numa formulação de nítido sabor xiita, pioneira a nível andaluz,<sup>22</sup> com o topónimo de Mértola a fechar a legenda (ou figurando no outro lado da moeda):

الإمام القائم // بامر الله // احمد ابن قسي // عبد الله (مارتله)

**R/** O Imame estabelecido // por ordem de Deus // Ahmad Ibn Qasī // 'Abd Allāh (Mértola).<sup>23</sup>

No anverso, em vez da tradicional confissão de fé muçulmana ou *shahāda*, ou de um qualquer versículo corânico, surge o famoso *slogan* “revolucionário” de IQ, o qual fará escola, seguido eventualmente do topónimo em causa e enquadrado, o mor das vezes, por um filete com quatro aneletes nos cantos:

الله ربنا // ومحمد نبينا // والمهدي امامنا (مارتله)

**A/** Deus é nosso Senhor// E Muḥammad, nosso profeta// E o Mahdī, nosso imame (Mértola).



Quirate de Ibn Qasī de Mértola do topo 1 (Museu Islâmico de Mértola: MO-ISLM 1/28)

Até há pouco, não se conhecia desse quirate espécime algum no território hoje português, apenas uma meia dúzia em Espanha.<sup>24</sup> Agora, temos outra meia dúzia em Portugal, entre eles, um belíssimo exemplar no Núcleo museológico islâmico de Mértola (MO-ISLM1/28; fig. 2), adquirido no ano 2000 pelo Município, “num leilão da Empresa Numisma (Lisboa), onde se encontrava num lote que incluía também uma moeda romana cunhada em Myrtilis”.<sup>25</sup> Há mais um na colecção particular do Professor Miguel Telles Antunes (MTA, Lisboa), estudado uns anos atrás (Antunes & Sidarus 1992a). E mais outro no espólio de Justino Cúmano (1818-1885),<sup>26</sup> passado provavelmente para a colecção privada de José Rodrigues Marinho (JMR), quando adquirira grande parte da colecção. Haveria ainda os três assinalados em Gomes IQ 01.01, 01.03 e 01.04.

Teríamos assim uma dúzia de exemplares no total, às vezes com arranjo divergente das legendas, revelando três ou quatro emissões diferentes! Estas ocorreram, de certeza, durante o reino hegemónico de cerca de meio ano do Mahdi de Mértola (fim do Verão de 539 até finais do Inverno de 540 = 1144-1145).

<sup>22</sup> Kassis 1991, p. 58. A fórmula foi também utilizada fortuitamente por um dos primeiros emires almorávidas: Yaḥyā ibn ‘Umar (Kassis, *loc. cit.* +1997, p. 304 + 308). E antes, timidamente pelo longínquo califa ‘Abd al-Raḥmān III al-Nāṣir (Fierro 1999, p. 117).

<sup>23</sup> Note-se que ‘Abd Allāh (“Servo de Deus”) é um dos elementos da onomástica protocolar dos califas-imames. Obviamente, *imame* (ár. *imām*) aqui significa “chefe religioso supremo, pontífice” e não simples “presidente da oração; homem de religião”. Lembremos que o termo aporuguesado tem as variantes *imã* e *imamo*.

<sup>24</sup> Vives 1915-1917. A eles, há que adicionar mais três: um no Instituto Valencia de Don Juan em Madrid (Benito 2017, p. 115-22, *c/* as respectivas figs.), mais dois na colecção de Tonegawa.

<sup>25</sup> Informação gentilmente prestada pela Dra. Lúcia Rafael do dito museu juntamente com as respectivas fotos, acompanhadas pela observação de que fora o nosso colega Abdalah Khawli (Vidigueira, Alentejo) quem identificara a moeda como tal.

<sup>26</sup> Nº 100 de acordo com Marinho 1992, p. 120.

Ao aludirmos, noutro sítio (Sidarus 1997a, p. 257), às relações entre o *mahdismo* peninsular de IQ e o magrebino de Ibn Tūmart, apontávamos para a influência

inequívoca do modelo numário “caciano” sobre o tão característico *direme* quadrado almóada,<sup>27</sup> com a legenda, no anverso, quase idêntica à dos quirates do nosso Mahdi. O facto da anterioridade absoluta destes fora assinalado por mais de um autor.<sup>28</sup> Pelo nosso lado, reforçaríamos esta posição ao destacarmos o empréstimo do atributo *al-Qā'im bi-amr Allāh* feito pelo primeiro califa almóada 'Abd al-Mu'min ibn 'Alī (541-558 / 1147-1163),<sup>29</sup> assim como o teor do formulário da referida proclamação tripartida.

É que, do ponto de vista teológico, qualificar Muḥammad de *nabiyyunā* (“o nosso profeta”), como nas moedas de IQ e na definitiva (!) solução almóada, é mais correcto e de uso corrente que de *rasūlunā* (“o nosso enviado”), figurando em algumas das primeiras moedas almóadas. É certo consabido que Muḥammad ibn 'Abd Allāh foi *Rasūl Allāh* e não dos muçulmanos, tendo actuado como *Nabiyy al-'arab/al-muslimīn*.

Ao falar das moedas batidas em Silves sob a alçada dos almóadas (deve-se entender: durante a primeira presença...), Kassis (1997, p. 317) afirma que elas “ilustran el inicio de las emisiones monetales almohades”. E mais adiante (p. 322): “Con bastante seguridad podemos afirmar que la primeras monedas almohades debieron ser los quirates acuñados por Aḥmad Ibn Qasī en el occidente de al-Andalus”. O autor equivoca-se, certo, ao atribuir globalmente aqueles primeiros quirates aos próprios almóadas ou à sua época. A sua repetida constatação, contudo, serve indirectamente para confirmar a prioridade das típicas moedas “cacianas” em relação às almóadas como tais.

Perguntamo-nos, nesse sentido, em que medida a própria emergência da singular forma quadrada dos diremes almóadas não terá sido influenciada pela existência, no mor das emissões mertolenses, de um filete quadrado emoldurando precisamente a nossa legenda – solução gráfica relativamente rara até lá.

Tanto mais que temos um duplo quirate de 2 gr., ou seja um direme, com uma orla à volta onde figuram praticamente as mesma legendas que os quirates, com o dito quadrado.<sup>30</sup> A menção, na orla, da ceca de Mértola é mais pomposa, por se falar de *ḥaḍrat Mārtula*: “sede, corte, capital...”.

Existem também outros quirates ou meios-quirates emitidas por IQ com legendas mais simplificadas. Conhecemos para já os seguintes:

1. Quirate Gomes IQ 01.02 mais Tonegawa IQ 3: a profissão de fé (*xahada*) tradicional – e não a fórmula inovadora de IQ – é seguida pela indicação da ceca de Mértola e, no reverso, temos:

**R/ Allāh // Aḥmad Ibn Qasī // 'Abd** (i.e. 'Abd Allāh A. b. Q.).<sup>31</sup>

<sup>27</sup> Lembremos que se trata da moeda de prata corrente no mundo islâmico: *dirham* (< gr. *drachma*).

<sup>28</sup> Ver entre outros Marinho 1986a + 1986b. As objecções ou hesitações de Fierro (1999, p. 110), não nos parecem nada conclusivas na falta da prova cronológica em absoluto. Até, todo o seu ensaio vai no sentido de mostrar que a doutrina mahdista almóada, na verdade de cariz “legitimador”, é obra da conquista de al-Andalus pelos *mu'minidas* e do contacto destes com os seus *ulemas* e *sufis*, quer dizer depois de 541/1146-47!

<sup>29</sup> Ver vários casos a partir de Vives 2047, com local variado de cunhagem. Por ignorância global da numária real de IQ, tipologia e cronologia, Kassis (1991, p. 58 + 1997, p. 324 ss.) quer ver, no uso desse título em todas as moedas de Mértola, uma alusão precisamente a esse califa! De resto, sem ser o lugar aqui de desenvolvermos o assunto, pensamos que, sobretudo nas primeiras moedas claramente emitidas pela nova dinastia berbere, há *aí* uma referência ao Mahdi Ibn Tūmart (v. *infra*)!

<sup>30</sup> Referido em Benito 2017, p. 117 (fig. *Fal*), de acordo com um arquivo histórico não identificado.

<sup>31</sup> Gomes ou quem o aconselhou quer ler *bi-(A)llāh*.

2. Meio-quirate existente no Gomes 01.05, com *Allāh // 'Abd // al-Imām*, de um lado, e *Bi-(A)llāh // Mértola*, do outro. Apesar do anonimato, e ao contrário de outros anónimos com legendas parecidas, a existência da ceca do Mértola indica bem que a moeda foi emitida pelo mesmo Ibn Qasī.

3. Outro tipo de meio-quirate na colecção de MTA: tem apenas o nome de *al-Imām Ahmad Ibn Qasī*, de um lado e, do outro, o nome de Mértola, figurando dentro de um quadrado com pequenas arruelas ou aneletes nos cantos, à semelhança dos quirates vistos anteriormente.

4. Mais outro tipo na colecção de Tonegawa, assinalado por Benito (2017, fig. *Fa 7*), com a legenda invulgar de *Muhammad // Rabbunā // bi-(A)llāh*, sendo que a grafia e combinação dos dois últimos elementos parecerem algo esquisitas! Mértola figura sozinha no reverso. Em ambos os lados, há duas arruelas, uma por cima e uma por baixo das legendas.<sup>32</sup>

Deve pertencer ainda a esse tipo de emissões o pretense meio quirate que reproduz iguais legendas, se bem que algo truncadas. Trate-se do Vives 1918 que, no respectivo inventário (p. 319), é apenas assinalado como meio-quirate sem as legendas ou outros elementos identificadores.<sup>33</sup> Nas outras listagens, é dado como quirate.<sup>34</sup> Por causa dos tais truncamentos, Marinho (1985, p. 182) fala de um quirate por “erro de cunhagem” (?). Mas no estudo seguinte (1990, p. 65), indica que ficou “cerceado ou com peso reduzido”, ficando com dúvidas sobre o tipo efectivo.<sup>35</sup> É possível tratar-se, simples-mente, de um quirate batido com um cunho algo desgastado nas extremidades ou de tamanho mais reduzido.

Em nosso entender, esse conjunto de cunhagens deve pertencer a um outro período que o anterior. Seria o da recuperação de Mértola das mãos de Ibn Wazīr com a ajuda dos almóadas. Mais precisamente, depois da saída momentânea destes do Andaluz no fim da primavera de 541/542 (1147) e antes da entrega da praça aos guerreiros almorávidas de Tāshufīn al-Lamtūnī, mais ou menos perdidos ou desamparados, poucos meses mais tarde, como se disse atrás.

### 3. Moedas alheias invocando o Mahdi Ibn Qasī

Ao lado desses numismas emitidos pelo Mahdi de Mértola ou a ele atribuíveis, existem outros, datáveis do lapso de tempo das primeiras emissões mertolenses, os quais foram emitidos em nome de emires locais associando com deferência o novel Senhor de Mértola.

O mais conhecido é o quirate cunhado em Beja pelo Emir Abū Ṭālib al-Zuhrī, de uma antiga estirpe árabe ali assente,<sup>36</sup> enquanto governador da cidade em nome de IQ, no breve lapso de tempo durante o qual substituiu Ibn Wazīr no governo dessa capital regional. Foi algures no segundo trimestre de 539, último de 1144 (Antunes & Sidarus 1993), um breve lapso de tempo onde as diferenças que revelam os exemplares conhecidos indicam uma tripla emissão pelo menos, sem falar da série de meio-quirates.

<sup>32</sup> Falaremos oportunamente do Vives 1918 que vem assinalado apenas como  $\frac{1}{2}$  quirate, pois ele é, na verdade, anónimo e não ostenta localidade alguma.

<sup>33</sup> No “Índice de precios” (p. 531), figura com o valor de 100, tal como vários outros quirates.

<sup>34</sup> Hazard 1058 (1952); Marinho 5 (1985); Rodríguez & Ibrahim 163 (1987); Marinho 49 (1990); Kassis 17 (1991). No caso do anverso, a distribuição da legenda pelas linhas obedece mais ao modelo Vives 1916 do que ao de 1917, como pretendem alguns.

<sup>35</sup> Uma das dúvidas prende-se com o facto de que até então não havia “certeza de Ibn Qasī haver emitido meio-quirates”. O argumento está agora ultrapassado com o aparecimento de tais espécimes, como visto nestas páginas.

<sup>36</sup> Sobre os Banū al-Zuhrī em Beja, ver Sidarus 1997b, p. 27-39 + 2004, p. 119b-20a.

Este tipo de quirate apareceu pela primeira vez no achado valioso da Lapa do Fumo conservado em Sesimbra: Figanier/Marinho 7.<sup>37</sup> Hoje, conhecemos dele outros exemplares, conservados em colecções portuguesas: a) no Museu Islâmico de Mértola (MO-ISLM 1/1; fig. 2): espécime encontrado nas ruínas da Alcaria Longa, a escassos 25 km. dali;<sup>38</sup> b) na colecção particular de MTA: espécime de origem bejense;<sup>39</sup> c) no mercado numismático, de acordo com Gomes IQ 03.02.<sup>40</sup>

Conhecem-se hoje também meios-quirates com referências abreviadas aos dois protagonistas. Dois deles surgiram nas escavações da Sé de Lisboa de 1991-1992.<sup>41</sup> Temos ali, de um lado: *Al-Imām // Aḥmad Ibn Qasī // Bāja*, e do outro, dentro de um pequeno quadrado com arruelas nos cantos: <*Abū Ṭālib*> *al-Zuhrī*. Um terceiro exemplar pode estar na colecção Tonegawa.<sup>42</sup>

A existência multiforme deste tipo de moeda juntamente com outros considerandos levam-nos a inferir que foi precedida por um numisma análogo onde o Mahdi de Mértola era associado pelo tal Ibn Wazīr.<sup>43</sup> Mas também que se cunhavam concomitantemente em Silves moedas similares com o nome de Ibn al-Mundhir, o governador local e zeloso general de IQ, ele próprio sufi e durante algum tempo instalado no *ribāṭ* de Arrifana de Aljezur.<sup>44</sup>

Refiramos a esse respeito uma moeda que ilustra a projecção que a pretensão “mahdista” do sufi de Mértola chegou a alcançar. Trata-se, desta vez, de um dinar (!), emitido em Múrcia – isto é, no Oriente Peninsular – no ano de 540/1146, mais precisamente durante o breve período de Rajab ou Sha‘bān (Jan./Fev.) e conservado hoje no Instituto Valência Don Juan de Madrid sob o nº 20:7.<sup>45</sup> Invoca IQ nos mesmos termos que nos quirates do efémero emir de Beja, associando-o, nem mais nem menos, com o famoso Safadola das crónicas cristãs: Sayf al-Dawla (al-Mustanşir bi-(A)llāh) Aḥmad Ibn Hūd, o também efémero rei da taifa murciana.<sup>46</sup>

<sup>37</sup> Corresponde ao Gomes IQ 03.01. Além dos seus apontamentos sobre esta moeda no respectivo inventário de 1968 (p. 18-22), Marinho oferece dela mais uma breve descrição na sua pub. de 1998. O espécime vem tb. referido em Kassis 1991 (p. 57-58, nº 18), querendo o autor – por desconhecimento da cronologia dos factos políticos garb-andaluzes – datar o quirate para o período seguinte à primeira chegada dos almóadas, quer dizer dois anos mais tarde, conjuntamente com os tipos das séries Vives 1915-1918 e 2014-2018, sobre os quais voltaremos aqui e na segunda parte do ensaio.

<sup>38</sup> Sobre o sítio arqueológico como tal, ver Boone 1994. Primeiros relatórios das escavações, em *ArqMed* 1 (1992), p. 51-64 + 2 (1993), p. 111-25.

<sup>39</sup> Antunes & Sidarus 1992b + 1993 (por lapso aqui, na transcrição do etnónimo, na p. 222a, escreveu-se *dhāl* em vez de *zayn*).

<sup>40</sup> Provavelmente o mesmo espécime de que fala Marinho 1985, p. 183, n. 5. Benito 2017, p. 123 (G1, G2, G3), faz o levantamento desses espécimes, sendo que o mor das informações vêm de Antunes & Sidarus 1992b. O exemplar G3 refere-se a um espécime da colecção de Tonegawa, sem mais indicação.

<sup>41</sup> Marinho 1998b. No espécime correspondente Gomes IQ 02.01, o arranjo das legendas diverge, faltando de vez a menção de Abū Ṭālib. A proposta de reconstituição da legenda do anverso é nossa, pois que Marinho invoca a “metade inferior” enquanto a reprodução da moeda em Gomes confirma a existência duma epígrafe superior.

<sup>42</sup> É o único numisma que figura no item referente a Abū Ṭālib. Encontra-se bastante danificado e quase ilegível por abrasamento das duas faces. Mas no catálogo respectivo *online*, pretende-se que “it is apparently of the same die as that shown in Gomes”, referindo-se obviamente ao espécime mencionado na nota anterior. V. tb. Benito 2017, p. 123 (G3).

<sup>43</sup> Debruçámo-nos sobre isso e o que segue em Antunes & Sidarus 1992b, p. 36, § 11-12. – Do mesmo Ibn Wazīr veremos, na Parte II, dois casos de emissão própria a partir da mesma cidade mas para um período posterior.

<sup>44</sup> De facto, segundo as fontes originais (ver entre outros a *Hulla* de Ibn al-Abbār, p. 201-11), é ele e não IQ quem utilizou o famoso *ribāṭ* de Arrifana de Aljezur (sítio arqueológico da Ponta da Atalaia), ao contrário do que se pretende infelizmente até hoje: Varela Gomes 2008 e o número monográfico especial de *O Mirense* (Aljezur), ano XVI, nº 24 (Ago. 2013).

<sup>45</sup> Medina 149 (v. tb. o nº 148); Rodríguez Lorente 1984, p. 54; Marinho 1985, p. 191-92, nota 28; Antunes & Sidarus 1992a, p. 33.

<sup>46</sup> Sobre a personagem (esp. *Zafadola*), ver: Kassis 1991, p. 59-60 + 62; Khawli 2001, p. 23a, com a longa nota 28 (p. 32b-33a).

Existem ainda várias moedas anónimas, de prata e até de ouro, que foram indevidamente atribuídas a Ibn Qasī. Deixamos a sua discussão para o fim da Parte II, porque a figura de Ibn Wazīr entra em jogo nalguns casos.

Tipo	Ceca	Emissor	Exemplares	Anotações	Datação
Quirate	Mértola	Ibn Qasī	12		entre fim Verão 1144 e finais Inverno 1145
idem	idem	Idem	3	legendas simplificadas	pouco depois da Primavera 1147
Meio-quirate	idem	Idem	4	legendas diversam. simplificadas	idem
Direme	idem	Idem	1	legendas truncadas	idem
Quirate	Beja	Abū Ṭālib al-Zuhrī	4	associando IQ	último trim. 1144
Meio-quirate	idem	idem	3	idem	idem
Quirate?	idem	Ibn al-Mundhir	suputação	idem?	entre idem e Primavera 1147
idem?	idem	Ibn Wazīr	idem	idem?	sucedendo a IM
idem?	Silves	Ibn al-Mundhir	idem	idem?	depois de Beja
Dinar	Múrcia	Sayf al-Dawla Ibn Hūd	1 ou 2	idem!	Jan.-Fev. 1146

Tabela recapitulativa

## BIBLIOGRAFIA

*ArqMed* = *Aqueologia Medieval*, Afrontamentos, [ed. CAM – Campo Arqueológico de Mértola], Porto.

*ArqPort* = *O Arqueólogo Português*, Museu Arqueológico Nacional, Lisboa.

*Numisma* = *Numisma: Revista de Estudios Numismáticos*, [Soc. Ibero-Americana de Estudios Numismáticos](#) & Museo Casa de la Moneda, Madrid.

*Nummus* = *NVMMVS: Boletim da Soc. Port. de Numismática*, Porto.

*Qantara* = *Al-Qanṭara: Rev. de Est. Árabes*, Madrid.

*REMMM* = *Revue des Études du Monde Musulman et de la Méditerranée*, [Presses Univers. de Provence](#), Aix-en-Provence (rev. acessível online).

Tonegawa = [Colección Tonegawa - «tiempos de al-Andalus» \(pub. online; ver n. 11\)](#).

ALVES, Adalberto (2001) *As Sandálias do Mestre: Em torno do sufismo de Ibn Qasī nos começos de Portugal* (Biblioteca Hermética, 11), Hugin, Lisboa (nova ed. 2009).

IDEM (2007) *Portugal e o Islão iniciático*, Ésquilo, Lisboa.

IDEM (2009) *As Sandálias do Mestre: O Islão iniciático na formação de Portugal*, Ésquilo, Lisboa (nova ed. de IDEM 2001).

- ANTUNES, M. T. (2017) *A moeda islâmica no al-Andaluz (Origens, desenvolvimentos, importância económica)*, Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa (com ilustração abundante!).
- IDEM & SIDARUS, A. (1992a) Moedas árabes de Beja invocando Ibn Qasi: Nova leitura e interpretação histórica, *Nummus*, 2ª sér., nº 14-15 (1991-92), p. 25-40 (+ 2 est. c/ 6 fig.).
- IDEM & IDEM (1992b) Fração de dinar de Ibn Wazir de Évora invocando o emir almorávida Ishaq ibn ‘Ali (Significado histórico e político), *ibidem*, p. 41-51.
- IDEM & IDEM (1993) Mais um quirate cunhado em Beja em nome de Ibn Qasi e Abu Talib al-Zuhri (Alcaria Longa – Baixo Alentejo), *ArqMed* 2, p. 221-23.
- BEL, A. (1933) Contribution à l’étude des dirhems de l’époque almohade (d’après un groupe important de ces monnaies, récemment découvert à Tlemcen : Collection Barisain), *Hespéris* (Rabat), nº 16, p. 1-68.
- BENITO DE LOS MOZOS, F. (2017) *La plata almorávide y postalmorávide: El quirate*, in *Manquso (Gacetiha de Est. Epigráf. y Numism. Andalusíes)*, nº 7 (nº monográfico especial amplamente ilustrado), Madrid/Lorca (vol. e rev. *online*).
- BOONE, J. L. (1994) Rural settlement and Islamization in the lower Alentejo of Portugal: Evidence from Alcaria Longa, in *Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana: Actas del Encuentro Intern. de Arqueol. del Suroeste (Huelva y Niebla, febrero de 1993)*, coord. J.N. Campos Carrasco *et al.*, Universidad, Huelva, p. 527-544.
- BORGES, A G M. (1991) Ibn Qasi, rei de Mértola e mahdi luso-muçulmano, *ArqMed* 1, p. 209-16.
- CANTO GARCÍA, A. & IBRAHIM, T. (1997) *Moneda andalusí en la Alhambra (Catálogo de Exposición – Patronato de Alhambra y Generalife)*, [Scriptorium](#), Granada.
- CODERA Y ZAIDÍN, F. (1899) *Decadencia y desaparición de los almorávides en España* (Colección de Est. Árabes, 3), Zaragoza (reed. na col. “Grandes Obras”, 11, Urgoiti Editores, Pamplona).
- DOMINGUES GARCIA, J. D. (1945) *História luso-árabe: Episódios e figuras meridionais*, Pró Domo, Lisboa.
- DREHER, J. (1985) *Das Imamat des islamischen Mystikers Abūlqāsim Aḥmad Ibn al-Ḥusain Ibn Qasī (gest. 1151): Eine Studie zum Selbstverständnis des Autors des ...* K. Khal‘ an-na‘lain, Dr.phil., Universität, Bonn.
- ELLIOT, W. (1979) *The carrier of Ibn Qasī as religious teacher and political revolutionary in the twelfth-century Islamic Spain*, PhD., Univ. of Edinburgh, Edinburgh Press, Edinburgh.
- EPALZA, M. de (ed., 1993) *La Ràpita islàmica: Historia Institucional i altres Estudis Regionals (I Congrés de les Ràpites de l’Estat Espanyol – set. 1989)*, Sant Carles de La Ràpita: Ajuntament de La Ràpita / ICMA / Generalitat Valenciana / Diputació de Tarragona (reimpr. 1994).
- FIERRO, M. I. (1999) El Mahdī Ibn Tūmart y al-Andalus: La elaboración de la legitimidad almohade, *REMMM*, nº 91-94, p. 107-24.
- FIGANIER, J. de Abreu (1958), Moedas árabes do séc. XII encontradas no Concelho de Sesimbra, *Anais [da Acad. das Ciências de Lisboa]*, sér. II, nº 8, p. 161-95 (+ 4 est.).
- FRANCO SÁNCHEZ, F. (ed., 2004), *La rábita en el Islam: Estudios interdisciplinarios (Congr. Intern. de Sant Carles de la Ràpita 1989 y 1997)*, Sant Carles de La Ràpita, Ajuntament de Sant Carles de la Ràpita / Univ. d’Alacant.
- IDEM (2012), “Espiritualidad y defensa al servicio de la comunidad musulmana de al-Andalus: Las rábitas en Portugal”, *Hesperia* (Madrid), nº 16, p. 43-68.<sup>47</sup>

<sup>47</sup> Corresponde ao ano VII, nº 1, que arvora o título de “Monográfico Portugal I”.

- GAMITO, Teresa Júdice (ed., 2004), *Portugal, Espanha e Marrocos: O Mediterrâneo e o Atlântico* (Actas do Colóquio Intern., Faro, Maio de 1999, sic), Univ. do Algarve, Faro (in-4°).
- GOMES, A. (2016) Moedas muçulmanas 1144-1151, in IDEM, *Moedas portuguesas e do território que hoje é Portugal: Catálogo das moedas cunhadas para o Continente e as Ilhas adjacentes...*, 6ª ed., Assoc. Numism. Portugal, Lisboa, p. 61-66.
- GOODRICH, D. R. (1997) *A Sufi Revolt in Portugal: Ibn Qasī and his Kitāb Khal' al-na'layn*, PhD., Univ. of Michigan, Ann Arbor, MI / New York.<sup>48</sup>
- HAZARD, H. W. (1952) *The Numismatic History of Late Medieval North Africa* (Numismatic Studies, 8), The American Numismatic Society, New York.
- KASSIS, H. E. (1982) Some unpublished Almohad dinars in Madrid and Badajoz, *Qantara* 3, p. 457-65 (c/ ils.).<sup>49</sup>
- IDEM (1983) Qādī 'Iyād's Rebellion against the Almohads in Sabtah (A. H. 542-543 / A. D. 1147-1148): New Numismatic Evidence, *Journal Amer. Oriental Society* (Ann Arbor, MI), nº 103, p. 504-14.
- IDEM (1991) Las taifas almorávidas, in *Actas del II Jarique de numismàtica hispano-àrab (Lleida, jun. 1988)*, ed. J.I. SÁENZ DÍEZ (Caderns del'Institut, 3), Institut d'Estudis Llerdencs, Lleida, p. 57-91.
- IDEM (1997) La moneda, pesos y medidas, in Viguera (coord.), p. 301-37.
- IDEM – JIMÉNEZ GIL, J. (1990) "Numismática hispano-musulmana", *Numisma*, nº 222-227, p. 83-123 (não consultado).
- KHAWLI, A. (1996) La famille des Banu Wazir dans le Gharb al-Andalus aux XII<sup>e</sup> et XIII<sup>e</sup> siècles, *ArqMed* 5, p. 103-15.
- IDEM (2001) Le *Gharb al-Andalus* à l'époque des Secondes Taifas (539-552 / 1144-1157), *ArqMed* 7, p. 23-35.
- MARINHO RODRIGUES, J. (1968) *Moedas muçulmanas de Beja e de Silves*, Câm. Municipal, Sesimbra.
- IDEM (1969) Considerações sobre a notícia de um achado de quirates inserta em *Al-Andalus*, vol. XVII-1952, *ArqPort*, sér. III, nº 2, p. 87-96.<sup>50</sup>
- IDEM (1972) Ainda sobre um achado de quirates em Gibrleón - Huelva (Espanha), *ArqPort*, sér. III, nº 6 (pub. em 1973), p. 281-88 (+ est. I, c/ 14 figs.).
- IDEM (1984) The Islamic Coins in the Portuguese Territory, in MARQUES (ed.), p. 295-305.<sup>51</sup>
- IDEM (1985) Moedas de Aḥmad ibn Qasī batidas em Silves, *ArqPort*, sér. IV, nº 3, p. 177-96.
- IDEM (1986a) The Monetary issues of Ahmad ibn Qasi in Silves and the Beginning of the characteristic Almohad coinage, in *Actas del II Simposio Ibérico 'Problems of Medieval Coinage in the Iberian Area'*, Avilés, p. 43-58.

<sup>48</sup> Na origem, PhD, Columbia University, New York, 1978.

<sup>49</sup> As ilustrações começam já a partir da p. 460, reproduzindo os 49 tipos de dinares estudados, com as respectivas legendas! Trata-se na verdade de correcções e complementos à secção correspondente de Vives. Notar que as cunhagens foram realizadas em várias cidades das costas mediterrânicas do Magrebe e da Espanha, com exclusão de Portugal! O mesmo se pode notar no espólio de Gibrleón estudado por Mateu y Llopis (1952).

<sup>50</sup> Número do ano de 1968, mas a data do envio do artigo e obviam. da pub. efectiva é mesmo 1969! Nota complementar e comparativa com o espólio de Beja-1952 (ver o artigo anterior), divulgando novo material. Note-se que a classificação é própria do autor a partir das fotos publicadas em *al-Andalus* do achado de Gibrleón de 1943 (= 36 espécimes; ver o artigo seg.).

<sup>51</sup> Funciona um pouco como complemento da pub. anterior.

- IDEM(1986b) The Beginning of the characteristic Almohad Coinage: Some hypotheses, in *Proceedings of the Tenth Intern. Congress of Numismatics*, ed. I.A. Carradice, IAPN, London, p. 430-35.
- IDEM (1990) As moedas muçulmanas da Coleção Francisco Inácio de Mira, *Nummus*, 2ª sér., n° 12-13 (1989-90), p. 59-72 (+ 5 págs. c/ 59 ils.!).
- IDEM (1992) As moedas hispano-muçulmanas da coleção Justino Cúmano numa carta de Pascual Gayangos, in *III Jarique de Numismática Hispano-Muçulmana (Madrid, dic. 1990): Actas*, coord. C. ALFARO ASÍNS & J.I. SÁENZ-DÍEZ, Museo Arqueol. Nacional, Madrid, p. 107-29.
- IDEM (1998a) Moeda muçulmana batida em Beja, *Numisma*, 48, p. 1-4.
- IDEM (1998b) O achado da Sé de Lisboa: A moeda corrente na cidade ao tempo da conquista por D. Afonso Henriques, in *Actas do IV Congr. Nacional de Numismática* (Julho de 1998, Lisboa), Assoc. Numismática de Portugal, Lisboa.
- IDEM (1998c) A moeda no Gharb al-Andalus, in TORRES & MACIAS (coord.), p. 175-84.<sup>52</sup>
- MARQUES GOMES, M. (ed., 1984) *Problems of Medieval Coinage in the Iberian Area*, Instituto Politécnico, Santarém.
- MATEU Y LLOPIS, F. (1952) “Hallazgos numismáticos musulmanes”, *Al-Andalus* 17, p. 442-44 (+ 2 pp. extra c/ 36 figs.!).<sup>53</sup>
- MEDINA GÓMEZ, A. (1992) *Monedas hispano-musulmanas: Manual de lectura y clasificación* (Inst. Provincial de Investig. y Est. Toledanos, Serie IIIa - Estudios, Catálogos y Repertorios, 16), IPIET y Diputación Provincial, Toledo.
- al-NASHSHĀR, Muḥammad Maḥmūd (1995) *Ta’sīs mamlakat al-Burtughāl: al-Siyāsah al-khārijīyya li-ʿAlfunsū Hinrīkiz Malik al-Burtughāl*, ‘Ayn lil-Dirāsāt wal-Buḥūṭ al-Insāniyya wal-Ijtīmā’iyya / *Ein for Human and Social Studies*, Cairo.
- PICARD, C. (2000) *Le Portugal musulman (VIII<sup>e</sup>-XIII<sup>e</sup> siècle): L’Occident d’al-Andalus sous domination islamique*, Maisonneuve & Larose, Paris, 2000.
- IDEM (2007) Os rostos do poder na Lisboa das Taifas (1009-1093): Novas leituras, in *Actas do II Colóquio “A Nova Lisboa Medieval”*, Inst. Est. Medievais, FCSH - UNL & Livros Horizonte, Lisboa, p. 60-71.
- RODRÍGUEZ LORENTE, J. J. (1984) *Numismática de la Múrcia musulmana*, Ed. del Autor (Distrib. Carlos Castán), Madrid.<sup>54</sup>
- SERRÃO, E. Cunha (1968) A Lapa de Fumo, *Geographica* (Lisboa), 15, p. 68-92.
- SIDARUS, A. (1997a) Novas perspectivas sobre o *Gharb al-Andalus* no tempo de D. Afonso Henriques, 2º Congr. Histórico de Guimarães: D. Afonso Henriques e a sua época. *Actas* (out. 1996), Câm. Munic. / Univ. Minho, Guimarães, vol. II, p. 247-67.
- IDEM (1997b) Assentamento árabe e primórdios do domínio islâmico em Beja (712-788), *Arquivo de Beja*, 3ª sér., n° 2-3, p. 27-39.
- IDEM (2004) A islamização religiosa do extremo *Gharb al-Andalus* (sécs. VIII-X), in GAMITO (ed.), p. 112-32.

<sup>52</sup> Sobre este trabalho, ver as nossas observações acima na nota 6.

<sup>53</sup> Secção VI duma série de notícias iniciada com o n° 14-1949 da revista. Para o nosso propósito, são as figs. 35-36 que interessam: 2 meios-quirates em nome de um mahdi: *al-Mahdī / bi-Allāh*. O autor do levantamento (p. 44) omitiu a preposição *bi*, ao contrário do que conseguimos ler, assim como atesta Marinho 1973 (p. 288, foto K), que tem um exemplar na sua própria coleção.

<sup>54</sup> Ver a resenha por H.E. Kassis em *Middle East Studies Assoc. Bulletin* (Washington, DC), 21 (1987), p. 233-34 (não consultado).

- TORRES, C. (coord., 1988) *Mértola almoravide et almohade* (Catalogue d'Exposition à Rabat), Campo Arqueol., Mértola (ed. bilingue: francês e árabe).
- IDEM & MACIAS, S. (coord., 1998) *Portugal islâmico: Os últimos sinais do Mediterrâneo* (Catálogo de Exposição), Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa.
- TORRES BALBÁS, L. (1948) “Rábitas hispano-musulmanas”, *Al-Andalus*, 13, p. 475-498.
- VARELA GOMES, Mário e Rosa (coord., 2008) *Ribat de Arrifana: Cultura material e espiritualidade* (Exposição do Museu Municipal de Arqueologia), Albufeira.
- VARELA GOMES, R. (2002) *Silves (Xelb), uma cidade do Gharb al-Andalus: Território e cultura* (Trabalhos de Arqueologia, 23), Instituto Português de Arqueol., Lisboa.
- VIGUERA MOLÍNS, M. J. (1992) *Los reinos de taifas* (col. Al-Andalus – Colecciones MAPFRE 1492), Editorial MAPFRE, Madrid.
- VIGUERA MOLÍNS, M. J. (coord., 1997) *El retroceso territorial de al-Andalus: Almorávides e Almohades - Siglos XI al XIII* (Historia de España Menéndez Pidal, VIII/2), Espasa Calpe, Madrid, 1997.
- VIGUERA MOLÍNS, M. J. (1997) Historia política, in *ibidem*, p. 41-123.
- VIGUERA MOLÍNS, M. J. (2000) Extremadura y al-Andalus, in *Actas de la I Jornada de Historia de Llerena*, Diputación de la Extremadura, Mérida, p. 225-48.
- VIGUERA MOLÍNS, M. J. (2014) Los Banū Qasī novelados, in *Vivir de tal suerte: Homenaje a Juan Antonio Souto Lasala*, ed. Mohamed Meouak & Cristina de la Puente, Cordoba Near Eastern Research Unit, CSIC, Córdoba/Madrid, p. 411-22 (c/ 1 fig.).
- VIVES Y ESCUDERO, A. (1893) *Monedas de la dinastías árabe-españolas*, Madrid, 1893 (reed. na col. “Obras Maestras de la Numismática Española”, nº 13, J.R. CAYÓN, Madrid, 1978; 2ª reed. com um 2º vol. de “láminas”, FOMUNIS, Madrid, 1998).

Article received: 14/02/2020

Article accepted: 30/03/2020